

## O Lazer subordinado ao capital recreativo

Nildo Viana<sup>1</sup>

### Resenha do livro:

ORIO, Mateus. *O Capital Recreativo: A Apropriação Capitalista do Lazer*. Curitiba: CRV, 2019.

O lazer é um fenômeno amplamente pesquisado, sob variadas perspectivas, e recebe uma nova contribuição com a obra de Mateus Vieira Orio, doutor em sociologia pela Universidade Federal de Goiás. O autor, com base em uma perspectiva crítica, retoma o debate teórico e conceitual sobre o fenômeno do lazer. Assim, além da concepção funcionalista, descritivista, entre outras já antigas na pesquisa sociológica, Orio contribui ao apresentar uma concepção crítica do lazer, sob o prisma da mercantilização.

A mercantilização do lazer é o foco da obra, mas, assim como os demais pesquisadores que partem dessa perspectiva, o fenômeno e a análise não se reduzem a apenas isso. Ao seu lado, outros processos ocorrem, como a burocratização, a alienação, entre outros, bem como é percebido que se trata de um processo perpassado por contradições, mudanças, variações. Orio destaca, nesse contexto, a questão do capital recreativo. A originalidade da obra emerge justamente a partir desse conceito, que é o título da obra.

O autor aponta que os parques floridos, piscinas, casas de praia, clubes, esportes, tacos e raquetes, dados, discos, galerias, vitrines, entre diversos outros exemplos apresentados, são “alegorias do lazer”. Por um lado, podem significar “curtir a vida”, mas, por outro, é possibilidade de investimento, meios para

1 Faculdade de Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás (PPGS / UFG) – Goiânia – Brasil – nildosviana@gmail.com

aquisição de lucro. Assim, o objetivo do livro é mostrar que o fenômeno do lazer, síntese de múltiplas determinações e carregando sua especificidade como fenômeno social, está inserido na totalidade da sociedade moderna. E, nesse contexto, ele delimita a sua problemática em estabelecer a resposta para a questão de como o lazer contribui com a reprodução ampliada do capital, ou, em outras palavras, qual o seu significado para a acumulação capitalista.

Assim, o autor percorre um caminho que se inicia com uma reflexão teórica sobre o capital, o mais-valor, acumulação de capital, entre outros elementos, e sobre o lazer, desde sua historicidade, até chegar às diversas concepções de lazer e sobre sua relação com os regimes de acumulação. A discussão teórica inicial fornece as bases para se entender o desdobramento seguinte. A análise do modo de produção capitalista e da acumulação capitalista é fundamental e condição para se compreender a relação do lazer com os regimes de acumulação. Por outro lado, a história do lazer e as concepções de lazer são importantes para compreender a diferença entre a abordagem proposta e as demais existentes. Esses elementos permitem uma reflexão bastante ampla e profunda sobre a inserção do lazer na sociedade moderna.

O lazer se desenvolve a partir da expansão da produção capitalista e de suas consequências, especialmente a mercantilização. Nesse contexto, o autor relaciona lazer, acumulação de capital, classes sociais. Trata-se de uma discussão densa, especialmente para aqueles que não dominam a teoria do capitalismo elaborada por Marx ou então sua teoria das classes sociais. A mercantilização, enquanto um elemento derivado da produção capitalista, intensifica-se com o processo histórico e vai invadindo cada vez mais a sociedade e sua expansão acaba chegando até a vida cotidiana, tal como no caso do lazer. O dinheiro se torna meio de troca universal e tudo vai se tornando paulatinamente mercadoria ou mercancia. Nesse processo, alguns elementos da teoria de Marx, esquecidos por muitos dos seus analistas, reaparecem, tal como a questão da repartição do mais-valor.

No segundo capítulo, o autor já aponta para análise da historicidade do lazer no capitalismo. Seguindo o preceito do materialismo histórico, segundo o qual a historicidade de qualquer fenômeno particular sobre pode ser compreendida no interior da historicidade da sociedade na qual ele se manifesta, então temos a justificativa para tal procedimento. A relação entre lazer e capitalismo é histórica e isso é explicado pela historicidade do modo de produção capitalista. Tal historicidade, por sua vez, é trabalhada por meio do conceito de regimes de acumulação. Os regimes de acumulação que se desenvolvem na história do capitalismo mostram alguns elementos importantes, especialmente a questão da mercantilização, que será desenvolvida no capítulo seguinte para explicar a

evolução do lazer. A compreensão dos diversos regimes de acumulação ajuda a entender a dinâmica capitalista e suas mutações, elementos fundamentais para entender a história do lazer.

Por fim, o autor chega ao capítulo fundamental e no qual oferece e explicação do lazer e suas mutações históricas. A mercantilização assume um significado explicativo fundamental, pois o lazer é cada vez mais mercantilizado. Essa mercantilização significa a transformação do lazer em mercadoria e mercancia e isso é realizado pelo capital. Aqui, o círculo analítico se fecha. A mercantilização do lazer se manifesta tanto através da sua transformação em mercadoria quanto de sua consumação como mercancia. Para explicar esse fenômeno, o autor lança a mão da teoria da mercadoria, já antiga, e da teoria da mercancia, bastante recente. No primeiro caso, explica como que o lazer é realizado via mercadorias (brinquedos, aparelhos eletrônicos etc.), e é proporcionado de forma mercantil (cinema, *Shopping Center*, parques etc.). No segundo caso, explica como que o lazer se manifesta como mercancia: o *show* musical, os malabarismos do palhaço na festa infantil, entre outros processos.

Assim, partindo da teoria da mercancia, que complementa a teoria da mercadoria, o autor distingue entre a produção de mercadorias, que ocorre nas relações de produção capitalistas e é de bens materiais, e a consumação de mercancias, que ocorre no âmbito das relações de distribuição e da chamada “superestrutura” ou “formas sociais”, sendo bens culturais e coletivos. No caso da mercadoria, é produzido um bem material separável do trabalhador, enquanto que no caso da mercancia, geralmente ela é consumada (realizada) e consumida no ato do consumo. Um operário que trabalha em uma empresa automobilística contribui para a produção de carros, que independem dele. Um professor que dá uma aula só permite o acesso a aula no momento de sua consumação. Mesmo quando essa consumação é *a posteriori*, como no caso de uma videoaula, ele efetivou a consumação quando a gravou. No primeiro caso, temos a geração de riqueza, no segundo, apenas sua reprodução.

Com base nessa discussão, Orio chega à questão fundamental. A mercantilização do lazer significa, simultaneamente, sua transformação em mercadoria e mercancia. Mas quem realiza esse processo? É aqui que emerge o problema de pesquisa que o autor se dedicou e a resposta que ele encontrou. O que Orio busca descobrir é: como o lazer é empregado na reprodução da acumulação capitalista? O autor, no término de sua obra, esclarece que o lazer é apropriado pelo capitalismo não apenas como “forma de descanso”, mas também como elemento de reprodução da acumulação de capital. O terceiro capítulo é dedicado a explicar esse processo.

A mercantilização do lazer explica o seu processo de transformação em mercadoria e mercancia e assim emerge a figura do capital recreativo. O capital recreativo é o elemento fundamental para explicar a apropriação do lazer no capitalismo. O lazer é apropriado como mercadoria e como mercancia e gera lucro para o capital recreativo. Os cinemas lotados, os estádios de futebol e suas torcidas barulhentas, os parques de diversão, a televisão, o videogame, os jogos de celular e computador, para citar poucos exemplos de milhões de casos, são produtos da mercantilização do lazer. O capital recreativo é responsável pela maior parte do lazer mercantilizado a nível mundial. O capital recreativo pode ser apenas produtivo (produtor de mercadorias, como brinquedos, aparelhos eletrônicos, jogos etc.) ou apenas improdutivo (promotor de *shows*, filmes, eventos, por exemplo) e, no primeiro caso, transforma o lazer em mercadoria e, no segundo, transforma-o em mercancia.

Nesse momento, temos a percepção de que o capital recreativo serve para retroalimentar a acumulação de capital em nível global. O capital recreativo produtivo adquire meios de produção, sendo mercado consumidor de outros setores do capital produtivo, bem como remunera os seus trabalhadores produtivos, que também integram o mercado consumidor de meios de consumo, além de sua apropriação de parte do lucro como renda pessoal. Ele paga impostos e se envolve na dinâmica geral do capitalismo. O capital recreativo improdutivo, por sua vez, adquire meios de consumação, advindos do capital produtivo (um *show*, por exemplo, usa aparelhos de sons, que são mercadorias adquiridas para sua efetivação), bem como gera um mercado consumidor ao remunerar os seus trabalhadores (além de parte do lucro convertido em renda privada pelo capitalista). O capital recreativo se torna mercado consumidor de outros setores do capital, tanto do produtivo quanto do improdutivo. O capital recreativo é mercado consumidor do capital produtivo diretamente (adquirindo meios de produção e meios de consumação) e indiretamente (por meio da remuneração de seus assalariados que são consumidores de mercadorias, além da renda do próprio capitalista ou conjunto de capitalistas). Da mesma forma, ele é mercado consumidor do capital improdutivo, tanto de forma direta (ao contratar uma banda para cantar em um *show*, paga ao empresário desta, que, por sua vez, lucra improdutivamente com isso), quanto de forma indireta (por meio da remuneração dos seus trabalhadores assalariados que são consumidores de mercancias). Em síntese, o capital industrial recreativo extrai mais-valor e o capital mercantil recreativo se apropria de mais-dinheiro, duas formas de aquisição de lucro, tal como se expressa na teoria da mercantilização.

Assim, o vínculo entre lazer e capitalismo emerge sob nova luz. O conceito de capital recreativo torna perceptível o caráter lucrativo e funcional dele para

a acumulação de capital. Sem dúvida, é o mesmo significado que todo capital improdutivo, mas que o realiza sob forma específica. Assim, com a da retomada da teoria do modo de produção capitalista, da mercantilização e da mercancia, o autor consegue apresentar uma compreensão abrangente e atual do fenômeno do lazer na sociedade moderna.

A única parte do livro que poderia ser questionada de forma mais contundente é a referente ao desenvolvimento histórico do lazer, no qual o autor remonta ao passado da história da humanidade, desde a sociedade escravista antiga, o que entra em contradição com sua afirmação posterior segundo a qual o lazer surge com o capitalismo. Contudo, não se trata da posição do autor e sim do conjunto de outros autores que trabalharam com a questão do lazer e remontam, sem ter em mente a teoria da especificidade histórica de Marx, ressaltada por Karl Korsch e outros, que os conceitos são históricos e só podem ser compreendidos no interior da totalidade histórica e social em que são inseridos. De qualquer forma, o título do item (“o desenvolvimento histórico do lazer”), pelo menos, poderia ser outro, para não dar essa impressão de concordância do autor com a bibliografia consultada sobre a história do lazer. A história do lazer é a que ele aborda no item seguinte sobre os regimes de acumulação, ou seja, a historicidade do lazer é apresentada no interior da historicidade do capitalismo.

Assim, o autor lança nova perspectiva para entender o fenômeno do lazer na sociedade moderna, mostrando seus vínculos profundos com o modo de produção capitalista, a mercantilização, a mercancia, o capital recreativo. A teoria do capital recreativo, assim como a teoria do capital comunicacional, abre amplas perspectivas para se pensar um setor do capital, com suas especificidades, suas relações com os demais setores do capital, sua relação com o conjunto da sociedade capitalista. Nesse sentido, esta obra assume grande importância e torna-se referência fundamental para todos que queiram discutir o lazer, concorde-se ou não com o autor, pois é uma explicação profunda e desenvolvida desse fenômeno, como poucas, e por isso não pode ser desconsiderada até mesmo por aqueles que se baseiam em outras perspectivas e teorias.

Recebido em: 05/05/2019

Aprovado em: 10/05/2019

#### **Como citar esta resenha:**

VIANA, Nildo. O Lazer subordinado ao capital recreativo. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 9, n. 3, set. – dez. 2019, pp. 1009-1013.